

**A resiliência como aliada na adoção de práticas contábeis gerenciais em mulheres gestoras de micro e pequenas empresas\***

***Resilience as an ally in the adoption of management accounting practices in women managers of micro and small businesses***

**Cristiane Krüger**

Universidade Federal de Santa Maria

[cristiane.kruger@ufsm.br](mailto:cristiane.kruger@ufsm.br)

**Talita Gonçalves Posser**

Universidade Federal de Santa Maria

[talita.gposser@gmail.com](mailto:talita.gposser@gmail.com)

**Gisielle da Silva Costa Oliveira**

Universidade Federal de Santa Maria

[gisi@oliveiragestaocontabil.com.br](mailto:gisi@oliveiragestaocontabil.com.br)

**Lizana Ilha da Silva**

Universidade Federal de Santa Maria

[lizanailha@hotmail.com](mailto:lizanailha@hotmail.com)

**RESUMO**

Neste estudo objetivou-se analisar se a resiliência é determinante para a adoção de práticas contábeis gerenciais em gestoras de Micro e Pequenas Empresas - MPEs. A pesquisa foi classificada como quantitativa, descritiva e de levantamento. A amostra contemplou 56 gestoras de MPEs, inseridas na região central do Rio Grande do Sul. A análise dos dados foi realizada utilizando a modelagem de equações estruturais. Os resultados revelaram que a maioria das gestoras (96,4%) apresentou um alto nível de resiliência e 46,4% das pesquisadas adotam consistentemente práticas contábeis gerenciais em suas decisões. Por meio da modelagem se verificou que a resiliência é uma determinante positiva para a adoção de práticas contábeis gerenciais em MPEs. Isso demonstra que a resiliência é uma aliada para o sucesso desses negócios. O estudo contribui para o avanço da pesquisa em contabilidade comportamental ao explorar a relação entre resiliência e adoção de práticas contábeis em gestoras de MPEs, ampliando o conhecimento sobre o papel da resiliência na tomada de decisões contábeis, no contexto específico da gestão feminina. A pesquisa possui contribuições sociais e práticas ao valorizar a gestão feminina em MPEs e ao destacar a importância da resiliência dessas gestoras na adoção de práticas contábeis gerenciais.

**Palavras-chave:** Resiliência. Práticas Contábeis Gerenciais. Gestão Feminina. Contabilidade Comportamental.

**ABSTRACT**

This study aimed to analyze whether resilience is a determining factor in the adoption of management accounting practices by managers of Micro and Small Enterprises (MSEs). The research was classified as quantitative, descriptive and survey-based. The sample included 56 managers of MSEs, located in the central region of Rio Grande do Sul. Data analysis was performed using structural equation modeling. The results revealed that most managers (96.4%)

---

\* Recebido em 26 de julho de 2023, aprovado em 14 de agosto de 2024, publicado em 17 de junho de 2025.

presented a high level of resilience and 46.4% of those surveyed consistently adopt management accounting practices in their decisions. Through modeling, it was found that resilience is a positive determinant for the adoption of management accounting practices by MSEs. This demonstrates that resilience is an ally for the success of these businesses. The study contributes to the advancement of research in behavioral accounting by exploring the relationship between resilience and the adoption of accounting practices by managers of MSEs, expanding knowledge about the role of resilience in accounting decision-making, in the specific context of female management. The research has social and practical contributions by valuing female management in SMEs and by highlighting the importance of the resilience of these managers in adopting management accounting practices.

**Keywords:** Resilience. Management Accounting Practices. Female Management. Behavioral Accounting.

## 1 INTRODUÇÃO

As Micro e Pequenas Empresas (MPes) têm um papel socioeconômico relevante, impulsionando o emprego e a renda (Carvalho et al., 2020; Oliveira et al., 2021). No Brasil, as MPes são responsáveis por altas taxas de emprego, inovação tecnológica, participação no Produto Interno Bruto (PIB) e exportação, representando cerca de 30% do PIB do país. A criação de políticas governamentais tem facilitado o desenvolvimento desses empreendimentos na economia brasileira (Neitzke et al., 2015; Rocha, 2021).

Nesse contexto, a gestão feminina vem ganhando espaço nas MPes. Diversas pesquisas têm identificado fatores específicos que afetam o empreendedorismo feminino, incluindo o preconceito, a discriminação, a falta de reconhecimento de suas habilidades empreendedoras, a dificuldade de acesso a recursos financeiros, a falta de oportunidades de trabalho qualificado, os baixos lucros e os conflitos entre trabalho e família (Cabrera & Mauricio, 2017; Fernandes & Mota-Ribeiro, 2017; Humbert & Brindley, 2015; Wu, 2012; SEBRAE, 2020).

Frente as adversidades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras, a resiliência desempenha um papel importante na capacidade de lidar com situações de tensão (Silva et al., 2019). A resiliência permite que os gestores transformem crises em oportunidades, adaptem processos, produtos e serviços para alcançar metas e reduzam a taxa de mortalidade das empresas (Candiani, 2017). O estudo da resiliência nas organizações contribui para compreender as novas normas no ambiente de trabalho e identificar a importância do profissional nesse contexto (Teixeira & Queiroz, 2015).

Além disso, a adoção de práticas contábeis gerenciais é crucial para a gestão e continuidade dos negócios (Costa et al., 2020). A contabilidade gerencial fornece dados e informações essenciais para a tomada de decisão das organizações, sendo um sistema de controle e gestão que busca otimizar os resultados da empresa (Camilo & Silva, 2020; Oliveira & Boente, 2012). Diante disso, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: A resiliência é determinante para a adoção de práticas contábeis gerenciais em gestoras de MPes? Com o objetivo de analisar essa relação, este estudo visa contribuir para o avanço das pesquisas sobre resiliência, adicionando evidências teórico-empíricas à literatura nacional, especialmente no campo das Ciências Contábeis (Silva & Guimarães, 2018). A compreensão do universo empreendedor feminino, com suas peculiaridades diante de desafios e dificuldades, justifica a realização dessa pesquisa (Silva et al., 2019).

Cabe destacar que, devido aos desafios impostos pelo mercado e pela sociedade, o interesse pela resiliência no ambiente de trabalho, especialmente em cargos de gestão, tem crescido nas últimas décadas (Candiani, 2017). Isso ocorre porque compreender como as pessoas lidam com adversidades pode influenciar seu desempenho e bem-estar (Rogge &

Lourenço, 2015; Stoverink et al., 2018). Dessa forma, estudar as práticas contábeis gerenciais em conjunto com os aspectos comportamentais pode aprofundar a compreensão do controle e da gestão, permitindo que as informações contábeis orientem o processo decisório em busca da otimização dos resultados das empresas (Ritta & Lavarda, 2022).

## 2 PRÁTICAS CONTÁBEIS GERENCIAIS E RESILIÊNCIA

A contabilidade gerencial fornece instrumentos para a tomada de decisão gerencial, com uma maximização no uso de recursos econômicos da empresa, alimentando as decisões por um sistema de informação que permite o uso racional e controlado dos insumos (Espejo, 2009). Tais instrumentos são denominadas de práticas contábeis gerenciais, comumente chamadas de artefatos contábeis gerenciais. Espejo et al. (2009) argumentam que para alcançar os objetivos organizacionais preestabelecidos é primordial que a contabilidade gerencial, por meio de seus artefatos, considere todas as diferenças das necessidades informacionais dos usuários. Artefatos, ou práticas, de contabilidade gerencial são entendidos como sendo sistemas de informação, modelos de gestão, sistemas de custeio, filosofias instituídas pelas organizações e conceitos de mensuração e avaliação de desempenho que possam ser explorados pelos gestores no desenvolvimento de suas atividades (Guerreiro et al., 2011).

Diante do exposto, e considerando os diferentes tipos de práticas contábeis gerenciais possíveis, destacam-se nesta pesquisa, como forma de análise da utilização, as seguintes ferramentas de controle: orçamento, custeio por absorção, custeio variável, margem de contribuição, *Benchmarking*, *Balanced Scorecard*, *just in time*, planejamento estratégico, planejamento tributário, custo padrão, fluxo de caixa projetado, análise de investimentos, gestão baseada em atividades e moeda constante. Tais artefatos são fundamentados em Barreto (2019).

Quanto à gestão feminina, Cardoso e Souza (2022) apontaram que as principais dificuldades que as mulheres enfrentam são a falta de reconhecimento de suas habilidades como gestoras e a percepção de tratamento diferenciado por serem mulheres. Diante disso, insere-se a resiliência que é um atributo essencial para a superação das barreiras e conquista do sucesso empresarial (Cardoso & Souza, 2022). Para Cruz e Moraes (2013) um gestor resiliente busca por conhecimento e confia na sua capacidade para administrar o negócio, pois, por meio da resiliência, se reinventam e se dedicam para a manutenção e bom desempenho da organização.

Resiliência refere-se “à capacidade de retornar para seu estado de saúde ou de espírito habitual após passar por alguma doença ou dificuldades” (Cardoso & Souza, 2022, p. 7). Mota et al. (2006, p. 58) definiram resiliência como “uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ileso”.

Nesse sentido, a resiliência passou a ser usada para denominar uma característica da vida humana em que o indivíduo pode responder de forma positiva às adversidades e superá-las, sem voltar, no entanto, ao seu estado inicial (Cardoso & Souza, 2022). Desta forma, sob a ótica da abordagem resiliente, pode-se avaliar detalhadamente comportamentos resilientes em indivíduos em condição de vulnerabilidade frente ao estresse, criando possibilidades de desenvolvê-los (Santos & Rodrigues, 2015).

Algumas pesquisas correlatas foram realizadas para contribuir com a compreensão dos temas abordados neste estudo. Martins e Frezatti (2020) investigaram uma empresa durante uma crise e descobriram que a comunicação e a missão dos gestores são importantes para compartilhar os valores da organização. Pessoa et al. (2022) analisaram a relação entre a participação feminina no conselho de administração e o desempenho empresarial, encontrando uma correspondência positiva, mas sem relação significativa com os resultados financeiros e

operacionais. Ritta e Lavarda (2022) estudaram a mudança da contabilidade gerencial em operações de fusão e aquisição, destacando a busca por eficiência econômica.

Isto posto, o modelo proposto analisa a resiliência como uma determinante para a adoção de práticas contábeis gerenciais de gestoras de MPEs. As organizações enfrentam desafios constantes e precisam tomar medidas para se manterem competitivas, sendo a atividade gerencial e empreendedora crucial para o crescimento e diferenciação no mercado. A resiliência tem sido reconhecida como uma abordagem eficaz para superar obstáculos e incertezas. Para gestores de MPEs e empreendedoras, a resiliência é especialmente relevante. Além disso, a falta de uso das informações geradas pelas práticas contábeis gerenciais contribui para o insucesso das empresas. Com base nisso, a hipótese de pesquisa formulada é que H1. A resiliência determina positivamente a adoção de práticas contábeis gerenciais em gestoras de MPEs.

### 3 METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem quantitativa, descritiva e de levantamento. A população pesquisada é composta por mulheres, gestoras de MPES, da região central Rio Grande do Sul. Optou-se pela proporção mínima definida por Hair Jr. et al. (2014) para o cálculo do tamanho mínimo da amostra. Para os autores, nesses casos considera-se a observação mínima por variáveis como sendo de, pelo menos, 5:1. Logo, para este estudo, que contém 33 variáveis para os constructos de resiliência e adoção de práticas contábeis gerenciais, estimou-se uma amostra mínima de 165 questionários. Diante da amostra mínima estipulada foram coletadas 67 respostas. Destas foram excluídas 11 respostas por serem de homens. Sendo assim, foram consideradas para análise um total de 56 respostas válidas, o que não ultrapassa a amostra mínima calculada, por isso, não se espera generalizar os resultados aqui auferidos.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário on-line, com a utilização do *Google Forms*, composto pelas escalas de resiliência (CD-RISC-10) adaptada e validada para o contexto nacional por Lopes e Martins (2011) e de adoção de práticas contábeis gerenciais, de Barreto (2019). O primeiro bloco do instrumento foi direcionado para levantar o perfil sociodemográfico das gestoras. O segundo bloco contou com questões sobre resiliência, para identificar o nível concordância acerca da capacidade de adaptação das gestoras à mudança, por meio de uma escala tipo *Likert* de 5 pontos, que varia de “nunca” (1) a “quase sempre”(5). Por fim, o terceiro bloco contemplou questões sobre adoção de práticas contábeis gerenciais de acordo com a concordância acerca da adoção das práticas de contabilidade gerencial, também mensurado por escala tipo *Likert* de 6 pontos, variando de “não se aplica” (0) a “concordo totalmente” (5). As questões do instrumento constam dispostas na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Questões do instrumento de coleta de dados*

Perfil sociodemográfico			
Gênero	Idade	Estado civil	Dependentes
Região em que reside	Escolaridade		Área de formação
Negócio próprio	Segmento de atuação		Número de sócios
Porte empresarial	Regime de tributação		Número de funcionários
Resiliência			

- R1. Me adapto às mudanças
- R2. Lido com qualquer situação
- R3. Vejo o lado positivo dos problemas
- R4. Lido com o estresse
- R5. Dou a volta por cima
- R6. Atinjo objetivos
- R7. Mantenho concentração e pensamento claro
- R8. Não me desencorajo pelo fracasso

R9. Sou uma pessoa forte

R10. Lido com sentimentos desagradáveis

#### Adoção de práticas contábeis gerenciais

CG1. Utiliza o orçamento como base para a tomada de decisão

CG2. Apura o custo dos produtos/serviços com base no método de Custeio por Absorção. (Caracterizado pela apropriação de todos os custos diretos e indiretos, fixos e variáveis)

CG3. Apura o custo dos produtos/serviços com base no método de Custeio Variável. (Caracterizado por considerar como custo de produção apenas os custos variáveis incorridos)

CG4. Utiliza o conceito de margem de contribuição (receita menos gastos variáveis) na tomada de decisão dos gestores.

CG5. Compara seus indicadores com os de outras organizações (*Benchmarking*)

CG6. Conhece as sobras (lucratividade) de cada produto comercializado pela empresa

CG7. Adota algum sistema para avaliação de desempenho, como o *Balanced Scorecard*

CG8. Adota o conceito de *Just in time* (Tudo deve ser produzido, transportado ou comprado na hora exata, evitando, por exemplo, estoques desnecessários)

CG9. Utiliza planejamento estratégico

CG10. Conhece a lucratividade de cada cliente

CG11. Realiza planejamento tributário anual

CG12. Planeja o custo para a produção/prestação de serviço (Custo-Padrão)

CG13. Conhece o montante do fluxo de recebimentos e pagamentos esperados para os próximos meses (fluxo de caixa projetado)

CG14. Realiza simulações de rentabilidade de produtos/serviços (Receitas, Custos e Margem).

CG15. Adota práticas de análise de investimentos (como TIR/IRR, VPL/NPV, Pay-back, etc) para o Orçamento de Capital (Avaliação da necessidade de capital de longo prazo)

CG16. Analisa os produtos/serviços de baixo valor agregado para melhorar os processos (Gestão Baseada em Atividades - ABM)

CG17. Busca se aprimorar de modo diário e constante (Melhoria Contínua)

CG18. Elabora e analisa relatórios gerenciais em Moeda Constante (relatórios que a qualquer tempo são passíveis de comparação)

CG19. Realiza periodicamente inventários de estoques (gestão de estoques) e patrimônio

CG20. Utiliza relatórios contábeis durante as tomadas de decisão (Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Período, Balancetes)

CG21. Adota controle de vendas, de estoques e de clientes

CG22. Elabora o Preço de Venda de produtos/serviços adicionando ao custo unitário do bem uma margem de lucro (Mark-up)

CG23. Utiliza indicadores para mensuração da satisfação do cliente e do colaborador

Nota. Fonte: Lopes e Martins (2011) e Barreto (2019).

Os dados foram coletados nos meses de maio e junho de 2022, com a divulgação do link do questionário em canais de comunicação como Associações de Empreendedores, sindicatos e redes sociais. Ao final do período de coleta obteve-se 56 respostas aptas à análise. Posterior a coleta, os questionários foram tabulados no programa *Microsoft Office Excel*<sup>®</sup>.

A análise inicial considerou estatísticas descritivas, compreendendo mínimo, máximo, mediana, média, razão (%) e desvio padrão. Para a razão houve a padronização das variáveis e constructos, segregadas em fraco ( $\leq 33,33\%$ ), moderado ( $\geq 33,34\%$  e  $\leq 66,66\%$ ) e forte ( $\geq 66,67\%$ ) (Lopes, 2016). Para verificar a resiliência como uma determinante na adoção de práticas contábeis gerenciais utilizou-se a Modelagem de Equações Estruturais (MEE), conforme critérios estabelecidos por Hair Jr. et al. (2017) e Lopes et al. (2020).

Salienta-se que os pesquisadores utilizaram do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Confiabilidade para garantir a confidencialidade e o consentimento dos participantes na pesquisa.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Perfil das Gestoras Pesquisadas

A Tabela 2 demonstra os resultados auferidos para o perfil das respondentes.

**Tabela 2**

*Dados sociodemográficos e ocupacionais das participantes*

Variável	Respondentes	Total (n=56)	
		Frequência Absoluta	Percentual
Idade	Menos de 20 anos	1	1,79%
	De 21 a 30 anos	13	23,21%
	De 31 a 40 anos	17	30,36%
	<b>De 41 a 50 anos</b>	<b>20</b>	<b>35,71%</b>
	Acima de 51 anos	5	8,93%
Estado Civil	<b>Casada/União Estável</b>	<b>34</b>	<b>60,72%</b>
	Solteira	20	35,71%
	Separada/Divorciada	2	3,57%
Filhos	<b>Sim</b>	<b>33</b>	<b>58,93%</b>
	Não	23	41,07%
Número de Sócios	<b>0</b>	<b>38</b>	<b>67,86%</b>
	1	7	12,50%
	2	9	16,07%
	3	1	1,79%
	Mais de 3	1	1,79%
Escolaridade	<b>Ensino médio completo</b>	<b>15</b>	<b>26,79%</b>
	Ensino técnico concluído	5	8,93%
	Graduação concluída	8	14,29%
	Especialização em andamento	4	7,14%
	Especialização concluída	14	25%
	Mestrado em andamento	0	0
	Mestrado concluído	3	5,36%
	Doutorado em andamento	1	1,79%
	Doutorado concluído	3	5,36%
Outro	3	5,36%	
Porte da Empresa	<b>Microempreendedor individual</b>	<b>40</b>	<b>71,43%</b>
	Microempresa	-	-
	Empresa de pequeno porte	4	7,14%
	Prefiro não informar	12	21,43%
Regime de Tributação	<b>Simplex Nacional</b>	<b>44</b>	<b>78,57%</b>
	Lucro Presumido	3	5,36%
	Lucro Real	1	1,79%
	Prefiro não informar	8	14,29%
Número de Funcionários	<b>Nenhum</b>	<b>39</b>	<b>69,64%</b>
	Entre 1 e 5 funcionários	12	21,43%
	Entre 6 e 10 funcionários	-	-
	Entre 11 e 15 funcionários	2	3,57%
	Entre 16 e 20 funcionários	1	1,79%
Mais de 20 funcionários	2	3,57%	

A faixa etária mais representativa entre as entrevistadas foi de 41 a 50 anos (35,71%). A maioria das gestoras pesquisadas era casada ou vivia em união estável (60,71%), com filhos (58,93%) e possuía formação educacional completa no ensino médio (26,79%) e pós-graduação (25%). Além dos dados sociodemográficos, foram investigadas algumas questões relacionadas

ao perfil ocupacional das entrevistadas, como número de sócios, regime de tributação e número de funcionários.

No que diz respeito ao perfil ocupacional, a maioria (57,14%) afirmou não ter sócios, o que está em linha com o porte empresarial predominante na amostra estudada. Cerca de 71,43% das entrevistadas são Microempreendedoras Individuais (MEI), enquadradas no regime de tributação do Simples Nacional (78,57%) (Tabela 2). De acordo com a Lei Complementar nº 123 (Brasil, 2006), o Simples Nacional é um regime compartilhado de arrecadação, cobrança e fiscalização de tributos aplicável às Microempresas (MEs) e Empresas de Pequeno Porte (EPPs). A principal diferença entre MEs e EPPs está no faturamento, que não pode ultrapassar R\$ 360.000,00 e R\$ 4,8 milhões por ano, respectivamente (Brasil, 2006).

Por sua vez, o MEI possui um faturamento limitado a R\$ 81.000,00 por ano, além de não poder ser sócio, administrador ou titular de outra empresa e ter a possibilidade de contratar apenas um funcionário no máximo (Brasil, 2008). Na amostra da pesquisa, 26,79% das entrevistadas não possuem funcionários, conforme determina a Lei Complementar nº 128 (Brasil, 2008). Segundo Hisrich et al. (2014), o MEI formaliza seu negócio e, com benefícios tributários, estabelece parâmetros para garantir sustentabilidade e retorno à empresa, reduzindo riscos e aumentando sua rentabilidade. Além disso, de acordo com dados do SEBRAE (2016), aproximadamente 48% dos MEI são conduzidos por mulheres, o que corrobora com os dados obtidos na pesquisa.

#### 4.2 Resiliência e Adoção de Práticas Contábeis Gerenciais na Gestão Feminina

Inicialmente apurou-se a estatística descritiva (Tabela 3).

**Tabela 3**

*Estatística descritiva das variáveis e constructos de resiliência e práticas contábeis*

Variável	Mínimo	Máximo	Mediana	Média	Razão %	Desvio Padrão
R01	1,00	5,00	4,00	3,9107	78,21	0,83724
R02	1,00	5,00	4,00	3,9464	78,93	0,79589
R03	2,00	5,00	4,00	3,8214	76,43	0,78872
R04	1,00	5,00	4,00	3,6071	72,14	0,84592
R05	3,00	5,00	4,00	4,3571	87,14	0,61581
R06	3,00	5,00	4,00	3,9821	79,64	0,64642
R07	2,00	5,00	4,00	4,0179	80,36	0,77439
R08	1,00	5,00	4,00	3,7143	74,29	0,96699
R09	3,00	5,00	4,00	4,3214	86,43	0,60624
R10	3,00	5,00	4,00	3,9286	78,57	0,62834
CG01	0,00	5,00	4,5	3,8571	77,14	1,61165
CG02	0,00	5,00	4,00	3,2679	65,36	1,61235
CG03	0,00	5,00	3,00	2,9107	58,21	1,31117
CG04	0,00	5,00	3,00	3,1071	62,14	1,72341
CG05	0,00	5,00	3,00	2,9286	58,57	1,51186
CG06	0,00	5,00	4,00	3,6429	72,86	1,53064
CG07	0,00	5,00	3,00	2,3750	47,50	1,57898
CG08	0,00	5,00	3,00	3,0000	60,00	1,71623
CG09	0,00	5,00	4,00	3,6429	72,86	1,64514
CG10	0,00	5,00	3,5	3,1429	62,86	1,68877
CG11	0,00	5,00	3,00	2,7321	54,64	1,73196
CG12	0,00	5,00	4,00	3,5357	70,71	1,62888
CG13	0,00	5,00	4,00	3,3214	66,43	1,58524
CG14	0,00	5,00	3,5	3,3214	66,43	1,60802
CG15	0,00	5,00	3,00	2,5357	50,71	1,54877
CG16	0,00	5,00	3,00	2,8393	56,79	1,62678
CG17	0,00	5,00	4,00	3,6607	73,21	1,74019
CG18	0,00	5,00	3,00	2,6607	53,21	1,68714

CG19	0,00	5,00	3,00	2,5893	51,79	1,63792
CG20	0,00	5,00	3,00	3,8571	77,14	1,71737
CG21	0,00	5,00	3,00	3,2679	65,36	1,84003
CG22	0,00	5,00	4,00	2,9107	58,21	1,55244
CG23	0,00	5,00	3,00	3,1071	62,14	1,77272
<b>Constructo</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Mediana</b>	<b>Média</b>	<b>Razão %</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Resiliência	1,00	5,00	4,00	3,9607	79,21	0,36466
Práticas Contábeis	0,00	5,00	3,26	3,1059	65,22	1,01466

Nota. N válido 56.

Verifica-se que a pontuação máxima foi atingida em todas as variáveis. Já, em relação a pontuação mínima, percebe-se que em algumas variáveis auferiu-se o mínimo de zero, pois havia possibilidade de as respondentes marcarem “Não se aplica” quando fosse algo que não se aplicasse a sua realidade ou ela não tinha conhecimento suficiente para responder. Na mediana, obteve-se 4 em todas as variáveis da resiliência, o que variou para as práticas gerenciais. Para a média, atentando-se para a razão, observa-se razões consideradas fortes para todas as variáveis de resiliência. Enquanto, para as práticas contábeis gerenciais no geral alcançou-se médias moderadas, apenas CG01, CG06, CG09, CG12, CG17 e CG20 perfizeram razões fortes. O desvio padrão apresentou dispersões baixas, com maior homogeneidade entre as variáveis de resiliência frente às práticas contábeis.

Deste modo, infere-se que as mulheres gestoras quase sempre concordam quanto a sua capacidade de adaptação à mudança, pois apresentam um alto índice de resiliência. Tal resultado vai ao encontro de Cardoso e Souza (2022). A resiliência pode desempenhar um papel importante na motivação de mulheres que enfrentam adversidades em suas atividades empresariais e que almejam dar continuidade aos seus negócios (Silva et al., 2019). Além disso, sem a resiliência os indivíduos seriam menos capazes de engajar-se nos comportamentos empreendedores indispensáveis para iniciar negócios ou buscar novas atividades e não conseguiriam facilmente agir e perpetuar reações cautelosas diante das adversidades enfrentadas (Silva et al., 2019).

Para os constructos nota-se que resiliência apresentou mediana e média maiores em comparação com as práticas contábeis. Assim como, o desvio padrão se mostrou mais heterogêneo para as práticas contábeis. Cabe destacar que a resiliência se encontra em razão forte nas gestoras, enquanto a adoção de práticas contábeis é moderada. A maioria das gestoras (96,4%) apresentou um alto nível de resiliência e 46,4% delas adotam consistentemente práticas contábeis gerenciais em suas decisões. Salienta-se que aproximadamente 14% das respondentes não adotam ou utilizam muito pouco os artefatos contábeis gerenciais pesquisados.

Enquanto à adoção de práticas contábeis se mostrou moderada. A falta de utilização de informações contábeis e a ausência de assistência de profissionais capacitados foram apontadas por Sales et al. (2011) como fatores condicionantes à mortalidade precoce de MPE. Os controles gerenciais trazem as informações necessárias para poder gerir uma empresa com maior segurança (Kempfer et al., 2018). Portanto, é necessário que as informações sejam produzidas e utilizadas no processo de tomada de decisão.

Na sequência realizou-se a MEE. Para verificar a validade convergente dos construtos foi analisada a VME. Segundo Ringle et al. (2014), a VME deve ter valores acima de 0,5 para ser considerada adequada. Os resultados iniciais revelaram que a VME do construto de resiliência foi de 0,233, enquanto a da adoção de práticas contábeis gerenciais foi de 0,515. Como a VME do construto de resiliência apresentou valores abaixo de 0,5, foi necessário remover os itens com cargas fatoriais baixas. Os seguintes itens foram excluídos junto com suas respectivas cargas fatoriais: R01 (0,057), R05 (0,386), R02 (0,396), R06 (0,443), R07 (0,460), R08 (0,519) e R03 (0,565). Com tais exclusões, o construto de resiliência passou a ter uma VME de 0,505. A confiabilidade e validade dos constructos consta na Tabela 4.

**Tabela 4***Confiabilidade e validade dos constructos*

<b>Constructos</b>	<b>Alfa de Cronbach</b>	<b>Confiabilidade Composta</b>	<b>VME</b>
Práticas Contábeis	0,956	0,960	0,514
Resiliência	0,601	0,754	0,505

Diante da Tabela 4 percebe-se que para a VME todos os valores são adequados, evidenciando a validade convergente e refletindo o quanto os dados são explicados pelas variáveis latentes (Ringle et al., 2014). Em relação à consistência interna, é possível observar que o Alfa de Cronbach para o constructo de práticas contábeis gerenciais ( $\alpha = 0,956$ ) é considerado forte (Lopes, 2016). E, o constructo de resiliência ( $\alpha = 0,601$ ) é aceitável (Hair Jr. et al., 2017). Para a Confiabilidade Composta constatou-se que ambos os constructos estão dentro do critério estipulado por Hair Jr. et al. (2014), com valores entre 0,7 e 0,95.

Posteriormente, avaliou-se o modelo de mensuração por meio da validade discriminante (Tabela 5).

**Tabela 5***Validade discriminante*

<b>Cargas Fatoriais Cruzadas</b>			
<b>VO/VL</b>	<b>Práticas Contábeis</b>	<b>Resiliência</b>	
CG01	<b>0,437</b>	0,334	
CG02	<b>0,777</b>	0,365	
CG03	<b>0,478</b>	0,222	
CG04	<b>0,727</b>	0,325	
CG05	<b>0,793</b>	0,304	
CG06	<b>0,760</b>	0,282	
CG07	<b>0,749</b>	0,447	
CG08	<b>0,641</b>	0,239	
CG09	<b>0,611</b>	0,372	
CG10	<b>0,778</b>	0,338	
CG11	<b>0,806</b>	0,498	
CG12	<b>0,866</b>	0,541	
CG13	<b>0,691</b>	0,444	
CG14	<b>0,810</b>	0,457	
CG15	<b>0,757</b>	0,286	
CG16	<b>0,792</b>	0,292	
CG17	<b>0,666</b>	0,313	
CG18	<b>0,820</b>	0,354	
CG19	<b>0,664</b>	0,139	
CG20	<b>0,746</b>	0,385	
CG21	<b>0,569</b>	0,270	
CG22	<b>0,670</b>	0,327	
CG23	<b>0,711</b>	0,451	
R04	0,394	<b>0,660</b>	
R09	0,340	<b>0,719</b>	
R10	0,355	<b>0,751</b>	
<b>Critério Fornell-Larcker</b>			
	$\sqrt{(VME)}$	Práticas contábeis	Resiliência
Práticas contábeis	0,717	1	
Resiliência	0,711	0,514	1
<b>HTMT</b>			
		Práticas contábeis	
Resiliência		0,694	

Diante da Tabela 5 verifica-se que há validade discriminante, pois, as CFC originais tiverem valores maiores que as CFC dos demais constructos (Ringle et al., 2014). Ainda, por

meio do teste Fornell-Larcker as raízes quadradas das VMEs devem ser maiores do que as correlações entre os constructos (Fornell & Larcker, 1981). Logo, verifica-se que tal critério está adequado. Pelo critério HTMT, que é uma estimativa da correlação entre as variáveis latentes (Hair Jr. et al., 2017; Henseler et al., 2015), constatou-se que se auferiu pontuação menor que 0,9 o que demonstra validade discriminante (Netemeyer et al., 2003). Os resultados também atendem a exigência do critério de HTMT, confirmado pelo método de *Bootstrapping* para 5.000 subamostras, ou seja, os LS (HTMT)<sub>97,5%</sub> < 1,00.

Na sequência avaliou-se o modelo estrutural. Conforme Hair Jr. et al. (2017), para o critério ser adequado os valores de VIF precisam ser menores que 5. Deste modo, o valor de VIF foi de 1,000, o que indica que o critério está adequado. Quanto ao tamanho do efeito ( $f^2$ ), avalia-se a utilidade de cada dimensão para o ajuste do modelo (Cohen, 1988; Hair Jr. et al., 2014; Lopes et al., 2020). Percebe-se que o constructo é de 0,360 o que revela um grande efeito sobre o modelo. Em seguida, avaliou-se o coeficiente de determinação ( $R^2$ ), que é a medida de apuração preditiva do modelo (Hair Jr. et al., 2014), assim o modelo apresenta poder explicativo de 0,265, sendo considerado forte ( $R^2 > 0,19$ ) (Lopes et al., 2020). Logo, conclui-se que o modelo estrutural apontou que a resiliência explica 26,5% da adoção de práticas contábeis gerenciais, demonstrando que existe uma avaliação positiva por parte das gestoras no que se refere a influência da resiliência na adoção de práticas contábeis gerenciais.

A seguir são demonstrados os valores para validade do coeficiente estrutural ( $\beta$ ), a fim de avaliar a hipótese de pesquisa (Tabela 6).

**Tabela 6**  
*Avaliação dos coeficientes estruturais*

	Hipótese	Beta ( $\beta$ )	Desvio Padrão (STDEV)	Estatística T (Beta/STDEV)	p-valor	Situação
H1	Resiliência ↓ Práticas contábeis gerenciais	0,514	0,087	5,918	0,000	Suportada

A Tabela 6 apresenta o resumo da relação entre os constructos avaliados no modelo, para a hipótese (H1), que trata da resiliência como determinante da adoção de práticas contábeis gerenciais, os resultados foram significativos ( $\beta = 0,514$ ,  $t = 5,918$ ,  $p$ -valor = 0,000) (Hair Jr. et al., 2017). Deste modo, constata-se que para as gestoras de MPEs a resiliência influencia positivamente na adoção de práticas contábeis gerenciais. Deste modo, é fundamental que as empresas estejam preparadas para enfrentar ambientes complexos, em que se exige respostas rápidas nas tomadas de decisões (Bampi & Silva, 2018; Oliveira, 2018; Morais et al., 2019). Neste contexto, Costa et al. (2020) afirmam que o instrumento que fornece um maior conjunto de informações úteis para as tomadas de decisões interna e externamente é a contabilidade gerencial, evidenciando-se que esta ferramenta auxilia a gestão a promover o crescimento organizacional, podendo ser uma saída para as empresas sobrepujar-se à crise.

Assim, considerando que o ambiente de negócios está em constante mutação, gerir a mudança e adaptar-se ao futuro incerto são desafios que requerem resiliência por parte dos gestores. Nesse sentido, Martins e Frezzati (2020) afirmam que a resiliência é um dos elementos qualitativos que traz um impacto relevante na gestão promovendo vantagem competitiva as organizações, pois auxilia a empresa a desenvolver tolerância ao risco e habilidade para ajustar-se frente aos cenários de incertezas melhor posicionando-se no mercado de sua atuação (Martins & Frezzati, 2020). Além disso, os autores consideram a resiliência como um dos elementos não financeiros essenciais para o controle gerencial.

A hipótese (H1) foi suportada, demonstrando estatisticamente resultados significativos e teoricamente suportada por alguns autores. Para Lobato (2016) uma gestão resiliente procura

dar enfoque às funções estratégicas, para trabalhar e estabelecer um equilíbrio entre as demandas dos ambientes, assim como a integração de todos os setores da organização, de forma a alocar recursos de maneira a melhor atingir os objetivos e metas.

Com relação à gestão feminina, nota-se que a mulher tem estado cada vez mais presente no mercado de trabalho, não só como empregada, mas, sobretudo, como empreendedora, ao implantar e gerir um negócio próprio. Ainda, Pessoa et al. (2022) destacam que no cenário de pandemia, a humanidade enfrentou um dos maiores desafios dos últimos tempos, com empresas fechadas, trabalho *home office*, reuniões virtuais, alterações nas legislações trabalhistas e tributárias, o que demandou dos gestores competências para superar os desafios, como a resiliência. Nesse aspecto, os gestores resilientes acreditam, sobretudo, na capacidade de resolução que possuem e que ao desenvolver atividades nas quais acreditam e possuem o conhecimento para tal, o sucesso será consequência do conjunto de ações e crenças (Cruz & Moraes, 2013). Também, Silva et al. (2019) afirmam que traços permitem sugerir a existência ou a busca pela resiliência humana como um diferencial para conseguir equilibrar os desafios ligados aos empreendimentos.

Ainda, como consequência, Kempfer et al. (2018) sugerem que as dificuldades enfrentadas pelos gestores devem incentivar o uso da contabilidade gerencial. Para os autores, essa técnica fornece instrumentos que auxiliam a organização no alcance da eficácia em seus negócios com a utilização instrumentos de mensuração, acúmulo e comunicação das informações monetárias e não monetárias para fins de avaliação do desempenho da gestão e de incremento no processo de tomada de decisão.

Por fim, foi avaliado o grau de acurácia do modelo final pelo método de *Blindfolding*, por meio da relevância preditiva ( $Q^2$ ) (Tabela 7).

**Tabela 7**

*Avaliação da relevância preditiva do modelo*

Modelo	SSO*	SSE**	$Q^2 = 1 - (SSE/SSO)$
Práticas contábeis	1288,00	1148,514	0,108

Nota. <sup>a</sup>SSO = Soma dos Quadrados Observados; <sup>b</sup>SSE = Soma dos Quadrados dos Erros.

Constata-se que para o constructo de práticas contábeis gerenciais o grau de acurácia é classificado como moderado ( $0,075 < Q^2 \leq 0,25$ ) (Chin, 2010; Hair Jr. et al., 2017; Lopes et al., 2020) (Tabela 7). Logo, considera-se que o modelo apurado é relevante, o que foi verificado a partir da validade preditiva. Assim, a resiliência é um fator determinante positivo na adoção de práticas contábeis gerenciais por gestoras de MPES.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de responder o problema de pesquisa “a resiliência é determinante para a adoção de práticas contábeis gerenciais em gestoras de MPES?”, o presente estudo teve por objetivo analisar a relação entre a resiliência de gestoras de MPES e a adoção de práticas contábeis gerenciais. Para o alcance deste propósito, a pesquisa foi sistematizada com uma abordagem quantitativa e os dados coletados por meio de questionário, totalizando 56 respostas válidas. O instrumento para coleta de dados compreendeu a escala de resiliência (CD-RISC-10) adaptada e validada para o contexto nacional por Lopes e Martins (2011) e de adoção de práticas contábeis gerenciais, adaptado de Barreto (2019).

Inicialmente mapeou-se o perfil das mulheres gestoras de MPES. Na amostra pesquisada a idade mais expressiva entre as respondentes foi de 41 a 50 anos (35,71%), predominantemente casadas ou em união estável (60,71%), com filhos (58,93%) e com nível de escolaridade de ensino médio completo (26,79%) e pós-graduação concluída (25%). Além disso, 71,43% das

respondentes são microempreendedoras individuais, sem sócios (57,14%) e por conseguinte, com regime de tributação do Simples Nacional (78,57%).

Na análise descritiva averiguou-se que as gestoras apresentam um alto nível de resiliência (96,4%) enquanto apenas 46,4% delas adotam consistentemente práticas contábeis gerenciais em suas decisões. Na sequência, verificou-se a resiliência como uma determinante para a adoção de práticas contábeis gerenciais na gestão de mulheres em MPEs. A hipótese do estudo (H1), que trata a resiliência como determinante positiva para a adoção de práticas contábeis gerenciais foi suportada.

Os resultados apurados foram significativos, ou seja, para as gestoras pesquisadas a resiliência se mostrou uma influenciadora positiva para a adoção de práticas contábeis gerenciais. A resiliência determina 26,5% da adoção de práticas contábeis gerenciais, demonstrando que existe uma avaliação positiva por parte das gestoras no que se refere a influência da resiliência na adoção de práticas contábeis gerenciais. Diante disso, o objetivo geral de analisar se a resiliência é determinante para a adoção de práticas contábeis gerenciais em gestoras de MPEs foi alcançado, evidenciando uma relação positiva entre os constructos pesquisados, o que aponta a resiliência como uma característica comportamental determinante para os micros e pequenos negócios geridos por mulheres.

Este estudo apresenta distintas contribuições. Para o meio acadêmico promove avanço da literatura sobre as temáticas pesquisadas, reduzindo lacunas entre a resiliência e a adoção de práticas contábeis gerenciais na gestão feminina. Ainda, de modo profissional, realça a importância da prática da contabilidade para a gestão de MPEs e contribui para a análise da gestão e tomada de decisão das gestoras, uma vez que o instrumento de pesquisa evidenciou alguns indicadores e práticas de contabilidade gerencial, oportunizando a reflexão sobre quais podem ser adotados para auxiliar na alavancagem de resultados e por conseguinte, na continuidade das organizações. Quanto ao escopo social, considera-se que esta pesquisa contribui para a valorização da gestão feminina, evidenciando características comportamentais e gerenciais das mulheres junto à administração de seus negócios.

Como limitações o estudo realizou um recorte transversal e coleta apenas com mulheres, gestoras de MPEs, da região central do Rio Grande do Sul. Além disso, a abordagem quantitativa e o baixo número de respostas torna-se outra limitação, pelo fato de se restringir às variáveis pesquisadas e análises estatísticas, que por não atingir a amostra mínima não é passível de generalização. Ainda, relata-se a escassez de estudos que contemplassem conjuntamente a temática estudada.

Diante disso, sugere-se a aplicação deste estudo com uma amostra mais abrangente e de diferentes regiões brasileiras. Assim como, a adoção da abordagem qualitativa é recomendada, pois pode identificar outros elementos passíveis de interferência na resiliência e na adoção de práticas contábeis gerenciais em MPEs. Ademais, realizar um estudo com homens e mulheres a fim de comparar os níveis de resiliência e a adoção de práticas contábeis na gestão de MPEs, considerando a variável de gênero, é aconselhável.

## REFERÊNCIAS

- Bampi, C. & Silva, H. A. C. (2018). Contabilidade Gerencial como Ferramenta de Gestão em uma Microempresa de Lucas do Rio Verde: Estudo de Caso da Empresa Lima Felisberto & Cia Ltda ME. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 1(5), 107-146. Recuperado de: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/contabilidade/contabilidade-gerencial>
- Barreto, K. A. (2019). *Práticas de contabilidade gerencial e fatores contingenciais em agroindústrias paraibanas*. Dissertação (Ciências Contábeis), Programa de Pós-

- Graduação em Ciências Contábeis, Universidade Federal da Paraíba, PB: UFPB. Recuperado de: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16372>
- Brasil. (2006). Lei Complementar nº 123. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte... *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LCP/Lcp123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp123.htm). Acesso em: 07 jul. 2022.
- Brasil. (2008). Lei Complementar nº 128. Altera a Lei Complementar no 123... *Diário Oficial da União*, Poder Executivo Brasília, DF. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp128.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm). Acesso em: 07 jul. 2022.
- Cabrera, E. M., & Mauricio, D. (2017). Factors affecting the success of women's entrepreneurship: a review of literature. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 9(1), 31-65. <https://doi.org/10.1108/IJGE-01-2016-0001>
- Camilo, E. G., & Silva, C. R. (2020). O uso da contabilidade gerencial para auxílio no processo decisório: Um estudo de caso nas micro e pequenas empresas da cidade de Montes Claros de Goiás. *Revista De Estudos Interdisciplinares Do Vale Do Araguaia - REIVA*, 3(01), 21. Recuperado de: <http://reiva.emnuvens.com.br/reiva/article/view/110>.
- Candiani, E. D. (2017). *Características associadas com a resiliência: um estudo com gestores de micro e pequenas empresas*. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista. Recuperado de: [https://unifaccamp.edu.br/mestrado/administracao/arquivo/Documentos/producao\\_discente/ElaineDeniseCandiani.pdf](https://unifaccamp.edu.br/mestrado/administracao/arquivo/Documentos/producao_discente/ElaineDeniseCandiani.pdf). Acesso em: 10 de jun. 2022.
- Cardoso, M. S. G., & Souza, I. G. L. (2022). Dificuldades que as mulheres enfrentam ao empreender: o papel das competências empreendedoras e da resiliência humana na superação dessas barreiras. *R. Gest. Anál.*, Fortaleza, 11(2), 77-92, maio/ago. <http://dx.doi.org/10.12662/2359-618xregea.v11i2.p77-92.2022>
- Carvalho, M. C. B. et al. (2020). O impacto da pandemia do Covid-19 nas relações de emprego nas micro e pequenas empresas. *Revista FATEC Sebrae em Debate: Gestão, Tecnologias e Negócios*, 7(12), 62-86. Recuperado de: <http://revista.fatecsebrae.edu.br/index.php/em-debate/article/view/142>
- Chin, W. (2010). *How to Write Up and Report PLS Analyses*. In: Esposito Vinzi, V., Chin, W. W., Henseler, J.; Wang, H. Eds., *Handbook of Partial Least Squares: Concepts, Methods and Applications*, Springer, Heidelberg, Dordrecht, London, NewYork, 655-690. [https://doi.org/10.1007/978-3-540-32827-8\\_29](https://doi.org/10.1007/978-3-540-32827-8_29)
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. 2. ed. New York: Psychology Press.
- Costa, W. P. L. B. da et al. (2020). Utilização da Contabilidade Gerencial nas micro e pequenas empresas. *Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação*, 2(2), 49-58. <https://doi.org/10.33871/26747170.2020.2.2.3269>
- Cruz, M. T. de S., & Moraes, I. M. M. de. (2013). Empreendedorismo e resiliência: mapeamento das competências técnicas e comportamentais exigidas na atualidade. *Revista*

- Pensamento & Realidade*, 28(2), 59-76. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/16430>
- Espejo, M. M. dos S. B., Costa, F., Cruz, A. P. C. da, & Almeida, L. B. de. (2009). Uma análise crítico-reflexiva da compreensão da adoção dos artefatos de contabilidade gerencial sob uma lente alternativa - a contribuição de abordagens organizacionais. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 3(5), 25-43. <https://doi.org/10.11606/rco.v3i5.34730>
- Fernandes, E. & Mota-Ribeiro, S. (2017). “Respect” and “self-determination” women entrepreneurs’ identities and entrepreneurial discourses. *Gender in Management*, 32(1), 66-80. <https://doi.org/10.1108/GM-04-2016-0093>
- Fornell, C. & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50. <https://doi.org/10.2307/3151312>
- Guerreiro, R., Cornachione Jr., E. B., & Soutes, D. O. (2011). Empresas que se destacam pela qualidade das informações a seus usuários externos também se destacam pela utilização de artefatos modernos de contabilidade gerencial? *Revista Contabilidade & Finanças*, 22(55), 88-113. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772011000100006>
- Hair Jr., J., Gabriel, M. L. D. da S. & Patel, V. (2014). Modelagem de Equações Estruturais Baseada em Covariância (CB-SEM) com o AMOS: Orientações sobre a sua aplicação como uma Ferramenta de Pesquisa de Marketing. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 44-55. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2718>
- Hair Jr.; J., Hult, T., Ringle, C. & Sarstedt, M. (2017). *A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM)*. Los Angeles: Sage publications.
- Henseler, J., Ringle, C. & Sarstedt, M. (2015). A new criterion for assessing discriminant validity in variance-based structural equation modeling. *J. Acad. Mark. Sci.*, 43(1), 115-135. <https://doi.org/10.1007/s11747-014-0403-8>
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2014). *Empreendedorismo*. 9. ed. Porto Alegre: AMGH Editora.
- Humbert, A. L., & Brindley, C. (2015). Challenging the concept of risk in relation to women’s entrepreneurship. *Gender in Management*, 30(1), 2-25. <https://doi.org/10.1108/GM-10-2013-0120>
- Kempfer, A. et al. (2018). Práticas gerencias em micro e pequenas empresas do oeste catarinense. *Anais... III Congresso de Contabilidade da UFRGS*. Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/congressocont/index.php/IIIContUFRGS/IIIContUFRGS/paper/view/140>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- Lobato, D. M. (2016). Gestão resiliente: formulação de modelo e fatores Críticos para implantação. *Relatórios de pesquisa em Engenharia de Produção*, 16(1), 37-58. Recuperado de: <https://periodicos.uff.br/rpep/article/view/36062>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- Lopes, L. F. D. (2016). *Métodos Quantitativos*. UFSM. Santa Maria: UFSM.

- Lopes, L. F. D. et al. (2020). Analysis of Well-Being and Anxiety among University Students. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 17(3874), 1-23. 2020. <https://doi.org/10.3390/ijerph17113874>
- Lopes, V. R. & Martins, M. do C. F. (2011). Validação fatorial da escala de resiliência de Connor-Davidson (CD-RISC-10) para brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11(2), 36-50. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572011000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572011000200004&lng=pt&tlng=pt)
- Martins, D. B. & Frezatti, F. (2020). Uso do Controle Gerencial como Estímulo à Resiliência Organizacional: survey single entity em uma empresa do setor de derivados de petróleo. Anais [...] XX USP Internacional Conference in Accounting. São Paulo. Recuperado de: <https://congressosp.fipecafi.org/anais/20UspInternational/ArtigosDownload/2455.pdf>
- Mota, D. C. G. d'A. et al. (2006). Estresse e resiliência em doença de Chagas. *Aletheia*, 1(24), 57-68. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942006000300006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300006&lng=pt&tlng=pt)
- Neitzke, A. C. A., Quintana, A. C., & Ferreira, J. R. (2015). Comportamento empreendedor dos pequenos empresários gaúchos: uma análise em micro e pequenas empresas. *Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis*, 19(2), 37-50. Recuperado de: <https://periodicos.furg.br/sinergia/article/view/4844>
- Netemeyer, R., Bearden, W. & Sharma, S. (2003). *Scaling procedures: issues and applications*. Thousand Oaks: Sage.
- Oliveira, B. M. de et al. (2021). Controladoria como principal ferramenta de gestão nas micro e pequenas empresas do Brasil. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 6(6), 86-116. Recuperado de: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/558>
- Oliveira, E. K. F., & Boente, D. R. (2012). Análise bibliométrica da produção científica recente sobre contabilidade gerencial. *Revista Organizações em Contexto*, 8(15), 199-212. Recuperado de: <https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v8n15p199-212>
- Oliveira, M. A. R. (2018). Aplicação da contabilidade gerencial como mecanismo de gestão na tomada de decisão no micro e pequena empresa, do ramo de supermercados da cidade de Salvador/BA. *Cairu em Revista*, 7(11), 63-83. Recuperado de: <https://cairu.br/revista/artigos11.html>
- Pessoa, M. L. J. et al. (2022). A contabilidade gerencial na gestão de empresas durante a pandemia da Covid-19. *Desafio Online*, 10(1), 152-179. <https://doi.org/10.55028/don.v10i1.13210>
- Ringle, C., Silva, D. da, & Bido, D. (2014). Modelagem de equações estruturais com utilização do SmartPLS. *REMark*, 13(2), 56-73. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2717>
- Ritta, C. De O., & Lavarda, C. E.F. (2022). Mudança nas regras e rotinas da contabilidade gerencial em operações de fusão e aquisição. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33(90), e1479. <https://doi.org/10.1590/1808-057x20211479.en>

- Rocha, M. (2021). *Microempresas no Brasil: uma análise das políticas públicas aplicadas entre 1984 e 2005 e o estudo de caso da incubadora de empresas de Santos/SP*. São Paulo: Editora Dialética.
- Rogge, J. F. N., & Lourenço, M. L. (2015). A Resiliência Humana no Ambiente Acadêmico de Cursos Stricto Sensu. *RAIMED - Revista de Administração IMED*, 5(3), 291-301. <https://doi.org/10.18256/2237-7956/raimed.v5n3p291-301>
- Sales, R. L., Barros, A. A. de; Pereira, & C. Maria M. de A. Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 5(1), 68-84, 2011. <https://doi.org/10.6034/130>
- Santos, A. P. L. dos, & Rodrigues, R. T. S. (2015). Resiliência em profissionais da saúde: percepção e realidade sobre autocuidado. *SOBRARE*, 1(2015), 1-18. Recuperado de: [https://sobrare.com.br/publicacoes\\_old.php](https://sobrare.com.br/publicacoes_old.php)
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. (2016). Os desafios da mulher empreendedora. Recuperado de: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/os-desafios-da-mulherempreendedora,e74ab85844cb5510VgnVCM1000004c002>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. (2020). Estudo sobre participação de micro e pequenas empresas na economia. Recuperado de: [https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Relatório-Participação-mpe-pib-UF2\\_compressed.pdf](https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Relatório-Participação-mpe-pib-UF2_compressed.pdf). Acesso em: 15 jul. 2022.
- Silva, A. S. de B., & Guimarães, J. de C. (2018). Empreendedorismo Feminino: Perfil no Segmento da Beleza e da Estética. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 12(2), 53-71. <https://doi.org/10.6034/rmpe.v12i2.1065>
- Silva, P. M. M. da et al. (2019). A Resiliência no Empreendedorismo Feminino. *Gestão e Sociedade*, 13(34), 2629-2649. <https://doi.org/10.21171/ges.v13i34.2346>
- Stoverink, A. C. et al. (2018). Bouncing back together: toward a theoretical model of work team resilience. *Academy of Management Review*, 45(2), 395-422. <https://doi.org/10.5465/amr.2017.0005>
- Wu, Z. (2012). Second-order gender effects: the case of US small business borrowing cost. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(3), 443-463. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2012.005>